

# Morre o homem, fica a fama

Ag. O Globo

## Morto, Brizola inquieta os vivos

Morreu Leonel de Moura Brizola, o grande sobrevivente dessa categoria política mal afamada e mal estudada chamada de *populismo brasileiro*. Morreu como viveu, num rompante, no dia 21 de junho, de colapso cardíaco – depois de pequenas complicações de saúde somadas ao peso de seus 82 anos. Dois meses mais e viveria o 24 de agosto de 2004, quando completa meio século a morte de seu padrinho, Getúlio Vargas. Três meses antes, em 31 de março, viveu os 40 anos do golpe militar que o exilou e derrubou o outro grande herdeiro de Getúlio, seu cunhado Jango Goulart.

Getúlio chegou ao poder com a Revolução de 30 e foi um dos pais da industrialização do país. Brizola, filho de pequenos agricultores do planalto gaúcho, foi trabalhador e estudante pobre na região metropolitana de Porto Alegre, onde fez curso técnico e engenharia. E política: aproximou-se do Partido Trabalhista Brasileiro, criado em março de 1945 por Getúlio, pouco antes ser deposto. A base do *trabalhismo* varguista foram os sindicatos urbanos. Em 1947, Brizola foi eleito deputado estadual pelo PTB; três anos depois, casou-se com Neuza Goulart, irmã de Jango – e Getúlio foi o padrinho de casamento.

Jango acompanhou Getúlio quando este voltou ao Rio como presidente nas eleições de 50: foi seu ministro do Traba-

lho. Brizola fez uma carreira mais independente. Foi deputado federal em 1954, prefeito de Porto Alegre em 1955 e governador do Estado do Rio Grande do Sul em 1958. Foi, como Vargas, um nacionalista e um industrializador. Criou as estatais de eletricidade e de telefonia do Estado; abriu estradas, construiu escolas. Sua valentia pessoal e política o projetaram nacionalmente: em agosto de 1961, o presidente Jânio Quadros, um conservador, renunciou e os ministros militares tentaram impedir a posse de Jango, que era o vice-presidente; mas Brizola liderou a campanha cívico-militar que impediu o golpe. Em 1962, foi para o Rio, onde se elegeu deputado federal com votação recorde. Antes do golpe de 1964, ainda tentou organizar grupos de resistência à violência anunciada, mas com poucos resultados.

Nos anos 70, de fora do país, Brizola tentou manter viva a idéia do trabalhismo getulista e filiou o PTB à *Internacional* dos partidos socialistas. No Brasil, no mesmo período, foi se formando, em torno do sindicalismo liderado pelos metalúrgicos de São Bernardo do Campo o que viria a ser o maior adversário político do PTB no campo de oposição à ditadura, o Partido dos Trabalhadores. Com a reforma política do final do regime militar, Brizola sofreu mais um golpe: os generais entregaram a sigla do PTB aos

conservadores liderados por Ivete Vargas. Teve de criar então uma sigla nova, o PDT – Partido Democrático Trabalhista.

O novo *trabalhismo*, *petista*, assumiu a dianteira política nas eleições presidenciais de 1989, quando Lula passou para o segundo turno contra Fernando Collor de Mello, com pequena vantagem sobre Brizola. Governador do Rio de 1983 a 1986, Brizola voltou ao cargo em 1991. Em 1994, quando Fernando Henrique Cardoso ganhou de Lula a eleição para a presidência, Brizola também disputou, mas teve apenas 3,2% dos votos. Em 1998 já foi vice na chapa de Lula. Na sua última campanha eleitoral, para a Prefeitura do Rio, em 2000, teve apenas 9,1% dos votos. No final do ano passado, o PDT de Brizola, que apoiara Lula no segundo turno das eleições presidenciais de 2002, denunciou o novo governo como neoliberal e se retirou da frente governista.

Morre o homem, fica a fama. E ela persegue os vivos: ao comparecer às cerimônias fúnebres de Brizola, o presidente Lula foi hostilizado (foto no alto). Ainda é cedo para saber, mas já ficam as perguntas: O governo Lula será uma tentativa de aprimorar a herança reformista deixada por Getúlio e seus herdeiros? Ou será mais um esforço, como o que foi feito nos anos de Collor e FHC, para enterrar a *herança populista*? **[Raimundo Rodrigues Pereira]** ■